Boletim Semanal* – 30/2022 – 11 de agosto de 2022

MILHO

Administrador Edmar Wardensk Gervásio

A produção mundial de milho deve ser superior a 1,2 bilhão de toneladas na safra 21/2022, sendo quase 8% maior que no ciclo anterior. Os Estados Unidos são o maior produtor mundial do cereal, tendo participação aproximada de 30%, enquanto a China é o segundo maior produtor, com 22% do total. O Brasil é o terceiro maior produtor, com produção superior a 110 milhões de toneladas e participação de quase 10%.

No Paraná, a colheita da segunda safra de milho 21/2022 atingiu 69% da área estimada de 2,7 milhões de hectares. As condições de clima favoráveis no início da semana passada fizeram o produtor acelerar os trabalhos de campo, pois havia expectativa de chuvas, confirmada a partir de quinta-feira (04/08).

TRIGO

Eng. Agrônomo C. Hugo Winckler Godinho

Apenas dois municípios no Paraná produziram mais de 100 mil toneladas de trigo em 2021, Cascavel e Tibagi. Para 2022, os volumes podem ser maiores que os obtidos nos anos anteriores, dado que as lavouras destes municípios têm registrado boas condições até o momento neste ciclo.

Em Cascavel, semeou-se em 2021 uma área tritícola expressivamente superior aos demais municípios, totalizando 50 mil hectares ante 34,5 mil do segundo colocado. Mesmo com o maior volume colhido no estado, 119 mil toneladas, sua produção foi bastante aquém do esperado em virtude da seca que assolou o Paraná no inverno anterior. Com a recuperação das produtividades esperadas para 2022, mesmo com uma redução expressiva de área estimada municipalmente, é possível que seja colhida uma safra maior neste ano.

Para o município de Tibagi, por outro lado, estima-se um aumento de área semeada em 2022 e as lavouras também estão em boas condições. Portanto, potencialmente, deve haver incremento de produção no município.

Completando o “pódio” dos maiores produtores de trigo em 2021 está Castro, que colheu 84 mil toneladas. Para 2022, com o aumento de área esperado e produtividades normais, é possível que este também atinja a marca de 100 mil toneladas produzidas.

O último relatório de Condições de Tempo e Cultivo do Deral apresentou 87% de lavouras em boas condições, 11%

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

médias e 2% ruins. As piores áreas estão concentradas na região Norte, que não abrange os municípios citados.

MANDIOCA

Economista Methodio Groxko

As condições climáticas registradas durante o mês de julho e início de agosto foram totalmente desfavoráveis à cultura de mandioca. Com o solo muito seco a colheita ficou bastante prejudicada e onerosa, uma vez que aumenta a perda das raízes no solo. A falta de chuva também prejudicou o plantio da nova safra de 2022/2023, em especial nos Núcleos Regionais de Paranavaí e Umuarama, locais onde esta prática tem início ainda no mês de junho. Porém, no final de semana, estas regiões foram contempladas com a ocorrência de chuvas em bom volume e certamente facilitam, temporariamente, o arranquio e o plantio.

A safra deste ano é bastante reduzida. Logo, com a oferta menor e a demanda aquecida pelas indústrias de fécula e de farinha, os preços continuam em alta. Atualmente, o preço atingiu R$1,60 por grama de amido na balança hidrostática de 5kg, ou o equivalente a R$900,00/t de raiz posta na indústria. Este valor significa um aumento de 107% comparado com a mesma época do ano passado. Em termos nominais, é a maior valorização que a mandioca registrou durante os últimos 4 anos, quando o valor médio foi de R$419,00/t, e, neste caso, a valorização foi de 115%. No caso da fécula, os preços também são considerados satisfatórios e, comparando-se o preço atual de R$127,00/sc de 25kg com o do ano passado, de R$68,00/sc de 25kg, o aumento foi de 87%.

Com relação à nova safra de 2022/2023, apesar de algumas áreas já plantadas, a primeira estimativa deverá ser conhecida apenas no final de agosto, período em que outras regiões, além de Paranavaí e Umuarama, também iniciarão seus plantios. Ao que tudo indica, mesmo com esses preços consideráveis altamente satisfatórios, não se vislumbram grandes mudanças, pois a escassez de terra e seu valor de arrendamento continuam dificultando o aumento de plantio.

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

FLORICULTURA

Engenheiro Agrônomo Paulo Andrade

A pequena participação da floricultura nos negócios da Agropecuária do Paraná - destacado produtor de grãos, cereais e proteínas animais - é evidenciada quando o número preliminar indica um Valor Bruto da Produção Agropecuária/VBP de R$ 180,4 bilhões em 2021 e a renda bruta gerada no campo pelo setor de flores foi de R$ 156,9 milhões. Assim, a atividade representou 0,09% deste montante estadual, estando presente em 109 municípios paranaenses, onde aproximadamente 900 agricultores* se dedicam à atividade. *(Censo Agropecuário IBGE 2017)

Em relação ao ano anterior à análise, houve uma redução de 8,6% considerando valores nominais. Por outro viés, observando-se os valores reais, deflacionando-se os números, a redução foi de 22,3%. (FLORES 2020: VBP Nominal = R$ 171,6 milhões; VBP Real = R$ 202,0 milhões)

Os gramados e as plantas perenes ornamentais representaram 74,9% do VBP dos produtos do segmento, já as mudas de árvores responderam por 1,9% do total. As orquídeas, os crisântemos e as roseiras compõem as principais produções da floricultura propriamente dita, e participaram com 15,4%. Estas seis atividades somam 92,3% do volume financeiro, sendo o restante distribuído nas outras 32 espécies exploradas.

Os núcleos regionais de Curitiba, Maringá, Cascavel, Toledo e Londrina concentraram a produção no estado e, juntos, responderam por 81,7% do total, sendo os dois primeiros com substanciais parcelas de 34,0% e 21,6%, respectivamente.

Próximo à metade do VBP da floricultura, precisamente 44,4%, refere-se à produção em cinco municípios; quais sejam: São José dos Pinhais com 14,7%, Marialva com 12,7%, Agudos do Sul com 8,0%, Cianorte com 5,1%, e Cascavel com 3,9%.

Mesmo que diminuta frente a envergadura dos negócios da agropecuária paranaense, as atividades em Floricultura permeiam os 399 municípios do estado, estando presentes em 27,3% destes, e se inserem na oferta de mão-de-obra no campo e na diversificação das propriedades rurais, auferindo a ampliação da renda dos negócios rurais, além da beleza natural própria da atividade.

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

APICULTURA

**** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva***

Segundo o Agrostat Brasil, nos sete meses de 2022 as empresas nacionais exportaram 27.701 toneladas de mel in natura, volume 19,68% menor do que aquele obtido em igual período de 2021 (34.489 toneladas). O faturamento em dólares foi de US$ 71,150 milhões, 25,15% menor que em igual período de 2021 (US$ 118,182 milhões). O preço médio nacional do mel atingiu o valor de US$ 3.193,17/tonelada, 6,81% menor que o valor médio de igual período de 2021 (US$ 3.426,65/tonelada).

Contando-se a exportação total dos sete meses de 2022, o Paraná continua a ocupar a segunda posição no ranking da exportação de mel “in natura” (receita cambial: US$ 14,511 milhões, volume: 3.860 toneladas e preço médio: US$ 3.759,40/tonelada). No ano anterior, em igual período, foram exportadas 7.254 toneladas, faturando-se US$ 23,810 milhões, a um preço médio de US$ 3.282,34/tonelada.

Em primeiro lugar continua o Piauí (US$ 29,297 milhões, 7.902 toneladas e preço médio: US$ 3.707,50/tonelada), tendo exportado 9.832 toneladas em igual período de 2021, faturado US$ 34,482 milhões e com preço médio de US$ 3.507,11/tonelada. Na terceira colocação, continua Minas Gerais (US$ 11,875 milhões, 3.159 toneladas e preço médio: US$3.758,97/tonelada). No ano anterior, o estado exportou 2.547 toneladas, faturou US$ 8.931 milhões e teve preço médio de US$ 3.506,56/tonelada. Já em quarto lugar vem Santa Catarina (US$ 9,874milhões, 2.748 toneladas e preço médio: US$ 3.593,28/toneladas); em quinto lugar, aparece o estado de São Paulo (US$ 6,729 milhões, 1.918 toneladas e preço médio: US$ 3.905,80/tonelada).

O principal destino para o mel brasileiro nos sete meses de 2022 (62% de todo volume exportado: 27.701 toneladas) continuou sendo os Estados Unidos da América (EUA): volume de 17.181 toneladas, receita cambial de US$ 64,111 milhões e preço médio de US$ 3.731,52/tonelada. Nos mesmos meses de 2021 os números foram: volume (26.201 toneladas) / receita cambial (US$ 89,440 milhões) / preço médio (US$ 3.413,60/tonelada). Os outros principais países importadores do mel brasileiro nos sete meses de 2022 foram

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

(volume, faturamento, preço médio): Alemanha (2.744 toneladas / US$ 10,303 milhões / US$ 3,75/kg), Canadá (1.752 toneladas / US$ 6,589 milhão / US$ 3,76/kg), Reino Unido (600 toneladas / US$ 2,087 milhão / US$ 3,48/kg), e Bélgica (432 toneladas / US$ 1,591 milhão / US$ 3,68/kg). Dentre os 10 maiores importadores, ainda estão: Austrália (244 toneladas / US$ 853.435 / US$ 3,50/kg), Países Baixos (161 toneladas / US$ 598.691 / US$ 3,72/kg), Dinamarca (155 toneladas / US$ 586.566 / US$ 3,78/kg), Áustria (140 toneladas / US$ 527.805 / US$ 3,77/kg) e França (100 toneladas / US$ 385.520 / US$ 3,786/kg).

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**